

## AS PRÁTICAS ESPACIAIS E A SOCIABILIDADE DE JOVENS DE DIFERENTES GERAÇÕES NA PRAÇA CENTRAL EM CIDADES PEQUENAS: O CASO DE ORIENTE – SP

MORENO, Karin Gabriel Silva de Souza<sup>1</sup>

Recebido (Received): 22-06-2020

Aceito (Accepted): 04-02-2021

Como citar este artigo: MORENO, K. G. S. S. As práticas espaciais e a sociabilidade de jovens de diferentes gerações na praça central em cidades pequenas: o caso de Oriente-SP. **Formação (Online)**, v. 28, n. 53, p. 487-516, 2021.

### Resumo

Este artigo é parte integrante de uma pesquisa de Mestrado na qual analisamos as práticas juvenis e a sociabilidade em cidades pequenas, na elaboração deste artigo em especial, foi desenvolvido um estudo que tem como objetivo analisar as formas de sociabilidade e as práticas espaciais de jovens de diferentes gerações na praça central de Oriente-SP, que refletem em apropriações sobre a praça central da cidade, nos momentos do lazer e entretenimento em diferentes dias e horários do cotidiano da pequena cidade. Assim, observamos a juventude em uma cidade pequena do interior paulista, mais especificamente na região administrativa de Marília, destacando que dentre as muitas questões que as pequenas cidades do interior enfrentam está a falta de inovações no lazer e ócio da população em geral e dos jovens em particular, o que faz com que o tempo livre seja vivido como um tempo de ausência. Para tanto, estudamos: a história urbana dessa cidade pequena, explorando como se realizavam as práticas de sociabilidade juvenil das gerações do passado, das décadas de 80 e 90, comparando as práticas das gerações atuais, seus tempos e espaços, para acompanharmos as transformações e permanências. Através de procedimentos de entrevistas e da observação participante, buscamos compreender as práticas dos diferentes grupos juvenis na pequena cidade. Dessa maneira, evidenciamos questões sobre as especificidades dessa cidade pequena no que tange as suas interações espaciais, seus ritmos de vida e seus conteúdos em termos de espaços de encontro e sociabilidade juvenil no presente, destacando que a proximidade desta cidade com a cidade média de Marília-SP, certamente nos levou a considerar também as relações interurbanas nas práticas espaciais e na sociabilidade no tempo livre dos jovens. Compreendemos que o conjunto das práticas espaciais está também envolvido na produção do espaço e da vida social da cidade pequena.

**Palavras-chave:** Sociabilidade Juvenil; Geração e Juventude; Cidades Pequenas.

## THE SPATIAL PRACTICES AND THE SOCIABILITY OF MULTIGENERATIONAL YOUTHS IN THE CENTRAL SQUARE OF SMALL CITIES: THE CASE OF ORIENTE - SP

### Abstract

This article is part of a Master's research in which we analyze youth practices and sociability in small cities, in the preparation of this article in particular, a study was developed as an objective to analyze the forms of sociability and the spatial practices of different generations of young people in the main square in Oriente - SP, reflecting on appropriations of the city's central square at moments of leisure and entertainment on different days and times of day-to-day life in this small town. Thus, we observe the youth in a small city in the interior of São Paulo, more specifically in the administrative region of Marília, stressing that among the many issues facing small towns in the interior, there is the lack of innovation in leisure and recreation for the general population and youth in particular, what makes the free time as an absence time. To do so, we have studied: this small town's urban history exploring how they performed youth sociability practices from past generations from the 80s and 90s, comparing the practices of the current generation, their time and space to monitor the changes and permanencies. Through interview and participant observation proceedings, we try to understand the practices of the various youth groups in the little city. This way, we highlight issues about the specificities of this small city with in terms of their spatial interactions, their life rhythms and its contents in terms of meeting spaces and youth sociability today, highlighting that the proximity of this city with the medium city of Marília - SP, surely led us to also consider inter-urban relations in spatial practices and sociability on young people's leisure time. We understand that all spatial practices are also involved in space production and the small town social life.

<sup>1</sup> Mestre pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Câmpus de Presidente Prudente. E-mail: [karin.gabriel\\_kg@hotmail.com](mailto:karin.gabriel_kg@hotmail.com).

**Keywords:** Youth Sociability. Generation and Youth. Small cities.

## **PRÁTICAS ESPACIALES Y SOCIABILIDAD DE JÓVENES DE DIFERENTES GENERACIONES EN LA PLAZA CENTRAL EN PEQUEÑAS CIUDADES: EL CASO DE ORIENTE – SP**

### **Resumen**

Este artículo es parte de una investigación de maestría en la que analizamos las prácticas y la sociabilidad de jóvenes en ciudades pequeñas. Para el desarrollo de este artículo, fue realizado un estudio que tuvo como objetivo analizar las formas de sociabilidad y las prácticas espaciales llevadas a cabo por jóvenes de diferentes generaciones en la plaza central de Oriente-SP, que se manifiestan en apropiaciones de la plaza central, en los momentos de ocio y entretenimiento en diferentes días y momentos de la vida cotidiana. Para esto, observamos jóvenes en una pequeña ciudad en el interior de São Paulo, más específicamente en la región administrativa de Marília, destacando entre los muchos problemas que enfrentan las pequeñas ciudades en el interior, la falta de innovación en las formas de recreación y el ocio para la población y, particularmente para los jóvenes, lo que hace que el tiempo libre sea vivido como un tiempo de ausencia. Por tanto, estudiamos: la historia urbana de esta pequeña ciudad, explorando cómo se llevaban a cabo las prácticas de sociabilidad juvenil por generaciones del pasado de los años 80 y 90, comparando con las prácticas de las generaciones actuales, sus tiempos y espacios, para identificar las transformaciones y permanencias. A través de procedimientos de entrevistas y observación participante, buscamos comprender las prácticas de diferentes grupos de jóvenes en dicha ciudad. De esta manera, destacamos preguntas sobre las especificidades de esta pequeña ciudad con respecto a sus interacciones espaciales, sus ritmos de vida y sus contenidos en términos de espacios de encuentro y sociabilidad juvenil actuales, destacando que la proximidad de esta ciudad con la ciudad media de Marília -SP, ciertamente nos llevó a considerar también, las relaciones interurbanas vinculadas a las prácticas espaciales y la sociabilidad en el tiempo libre de los jóvenes. Entendemos que el conjunto de prácticas espaciales también está relacionado con la producción de espacio y vida social en la pequeña ciudad.

**Palabras clave:** Sociabilidad juvenil. Generación y Juventud. Ciudades Pequeñas.

### **1 Introdução**

As pesquisas científicas sobre as práticas espaciais das juventudes podem demonstrar as relações que os grupos juvenis estabelecem com a cidade em que vivem, com o mundo, a partir dela e com seu tempo histórico. Os estudos sobre o cotidiano juvenil em cidades pequenas podem contribuir para explorar uma dimensão da urbanização brasileira ainda não totalmente explorada pela ciência geográfica – aquela da difusão de culturas juvenis e de diversas outras referências culturais urbanas, a partir das metrópoles, e sua territorialização em cidades com diferentes densidades e tamanhos.

Este artigo foi elaborado a partir dos resultados de uma pesquisa de Mestrado, e está contextualizado no âmbito da pesquisa, onde estudamos as juventudes em cidades pequenas do interior paulista, observando diferentes gerações, analisando as mudanças e permanências.

Esta proposta se situa numa linha de continuidade em relação à questão apontada por Turra Neto (2008) em sua tese de doutorado. Inspirado em Giddens (1991), Turra Neto (2008) afirmou que, a experiência juvenil de cidades médias, articulada em torno de culturas juvenis transterritoriais, é uma experiência desencaixada, na medida em que as referências são de culturas urbanas metropolitanas, mas a rede de sociabilidade precisa se realizar no espaço-

tempo concreto de cidades do interior, com densidade urbana bastante diferente. Próximo a este sentido, também Carrano (2001) afirma que os jovens dos mais diversos contextos urbanos têm na metrópole suas principais referências. Portanto, o modo como as práticas espaciais do tempo livre se realizam no contexto das cidades pequenas, nos seus espaços públicos, nas suas margens e/ou naqueles estabelecimentos que são referência de encontro e diversão, podem revelar tanto as tendências das suas conexões globais, quanto o acontecer da vida local.

A centralidade que a praça principal das cidades pequenas ainda exerce sobre a vida social, dada a exiguidade da oferta de consumo, é extremamente relevante. Segundo Corneli (2013), a centralidade faz com que a praça constantemente recepcione diferentes indivíduos de distintas classes sociais, num encontro em que grande parte dos presentes se conhecem ou se reconhecem, a despeito daquilo que os separa. Isto pode ser uma evidência de que as praças das cidades pequenas e, talvez o espaço público, num entendimento mais amplo, possuem sentidos que permaneceram com o tempo – o que pode ser qualitativamente diferente de espaços públicos das áreas centrais das cidades médias e grandes.

O espaço público, deve ser considerado como espaço que possibilita uso comum e coletivo. Os espaços públicos fazem parte do cotidiano dos habitantes nas pequenas cidades, são espaços simbólicos para os moradores, pois é onde encontram-se os diferentes sujeitos.

Os espaços públicos constituem ou deveriam constituir uma fonte de forte representação social e cultural, pois trata-se de um espaço simbólico onde se opõem e se respondem aos discursos, na sua maioria contraditórios, dos agentes políticos, sociais, religiosos e culturais que constituem uma sociedade (NARCISO, 2009, p.269).

De acordo com Ramos (2009), no caso do espaço público, a civilidade e a cultura local da sociedade, impulsionam normas de conduta aos sujeitos. Os diversos equipamentos inseridos nos espaços públicos qualificam a civilidade. Contudo, como argumenta Gomes (2012), numa sociedade com enormes desigualdades socioespaciais, a exclusão perpassa também o espaço público, de modo que compromete este ideal atribuído a ele.

Segundo Carrano (2001), os jovens que fazem da rua um lugar de encontro e sociabilidade expressam a possibilidade de recuperação do seu sentido público e educativo, numa implícita condenação ao recolhimento à sociabilidade exclusivista dos espaços privados e particulares. É por isto que estes sujeitos podem ser considerados os protagonistas dos novos usos que reafirmam o sentido público da cidade, colocando em questão as teorias que advogam sobre o fim do espaço público.

A cidade que é analisada, constituiu-se como município durante o século XX, no ano de 1944. Analisaremos neste artigo as relações socioespaciais que estão contextualizadas no passado (décadas de 1980 e 1990), e também às que ocorrem no momento presente de globalização da sociedade. Dessa forma, buscamos investigar as antigas e também as novas práticas espaciais entre os jovens locais no tempo livre.

Os estudos geográficos que buscam explorar as influências dos espaços sobre a interação dos sujeitos podem trazer à tona novas características socioespaciais que a urbanização nas pequenas cidades vem gerando sobre as relações sociais, antes não observadas. Consideramos a possibilidade de abordar questões como o consumo de álcool entre as diferentes juventudes e questões que envolvem relações de trânsitos entre as cidades próximas e a cidade estudada, na conformação de espaços e práticas de diversão plurais, complexas e multiconectadas em diversas direções.

De acordo com Turra Neto (2008), é possível identificar na sociedade que, ao longo das gerações, houve um aumento do consumo de álcool entre os jovens, isto não estava presente nos anos de 1970, pelo menos não entre os jovens de classe média. Este fator não era corriqueiro na vida social dos jovens e na sociabilidade durante até pelo menos os anos de 1990, quando este aspecto passou a ser observado e introduzido nas análises do tempo livre juvenil.

Vale explicitar, também, que partimos de uma análise pautada na existência de distintas classes sociais, pretendendo analisar as diferenças de lazer<sup>2</sup> entre elas. A geografia como ciência tem o papel de analisar, de forma crítica, os processos contemporâneos de transformação urbana. Os usos cotidianos dos espaços públicos e a existência de centros de disputa prática entre jovens de diferentes classes sociais necessitam de diversas análises, explicitando os privilégios e as opressões que entram no jogo das práticas juvenis no tempo livre.

## 2 Metodologia

Os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa, propõe a análise das práticas espaciais de um grupo social no interior da sociedade capitalista. Em função disso, a pesquisa parte do reconhecimento da luta de classes e, portanto, da conflitualidade presente nas relações sociais. Nesse sentido, procuramos primar pela perspectiva crítica.

---

<sup>2</sup>“Ver” o conceito de lazer desenvolvido por Dumazedier (1976, p. 32), que envolve uma tríade de “D’s”: descanso, divertimento e desenvolvimento.

Foi desenvolvida uma abordagem multidisciplinar, envolvendo conhecimentos trabalhados na Antropologia Urbana, na Geografia e também na Sociologia. Em uma abordagem de cunho etnográfico, foram desenvolvidas análises de sujeitos, em que entrevistamos e descrevemos questões importantes, para compreender as juventudes. A partir de referenciais como Dayrell (2003), Feixa e Leccardi (2010), Turra Neto (2008) e Giddens (1991).

Entre os procedimentos de pesquisa, destacamos a revisão bibliográfica, pois este procedimento possibilita acessar trabalhos acadêmicos e diversas publicações, assim foi possível encontrar documentos e materiais que possam contribuir no desenvolvimento de nossos estudos. Compõem também esta etapa, o levantamento de dados secundários e as pesquisas documentais, nos institutos e órgãos oficiais, bem como o de fontes históricas nos lugares de memória da cidade (como bibliotecas e museus). Entre os documentos e dados secundários acessados por esse estudo, estão por exemplo, os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e também as informações encontradas no arquivo histórico da Biblioteca Municipal de Oriente. Através dos procedimentos de revisão bibliográfica, foi possível por exemplo, inserir em nossas pesquisas as perspectivas e os pressupostos dos estudos de Dayrell (2003), Feixa e Leccardi (2010) e Giddens (1991), devido a compreensão desses autores sobre gerações e juventudes.

Outro dos procedimentos adotados em nossos estudos é a entrevista, que possibilita dialogar de forma mais controlada com os jovens na cidade, registrando informações por meio gravações, para que possamos descobrir quais são as principais práticas espaciais que realizam, suas visões da cidade e dos outros jovens, bem como as relações sociais e espaciais que estabelecem em seu tempo livre. As entrevistas também permitem que acessamos informações sobre a memória de gerações do passado. De acordo com Boni (2005), o pesquisador deve levar em conta que, no momento da entrevista, ele estará convivendo com sentimentos, diversas questões particulares, envolvendo afetos pessoais, e também fragilidades, dessa maneira, é necessário o máximo de respeito nas entrevistas, gerando confiança como forma de possibilidade do diálogo aberto. Também aplicamos questionários com questões de âmbito socioeconômico, que demonstram questões culturais, para levantamento de perfis dos sujeitos que estudamos em campo.

A entrevista através de uma perspectiva etnográfica, considera primeiramente o "ponto de vista do entrevistado". Conversar com o entrevistado, é um modo de compreender qualitativamente suas expectativas e compreender as questões relacionadas a memória. É necessário compreender a realidade dos sujeitos entrevistados e não trabalhar com pré-

conceitos. As entrevistas abertas realizadas nesse estudo, possuem somente um roteiro básico, possibilitando conversas livres que extrapolem os limites de um roteiro comum de entrevistas.

Para dar conta da geração atual, utilizamos a observação participante, como procedimento fundamental de pesquisa de campo, possibilitando realizar uma descrição densa, tal como entendida por Geertz (1978), das práticas espaciais dos jovens. Por esta estratégia, foi possível realizar uma interação face a face com os jovens nos seus tempos e espaços de encontro e sociabilidade aos finais de semana e registrar as conversas informais, os depoimentos e narrar os acontecimentos que presenciamos no período de estudos empíricos. Nessa metodologia realizamos o envolvimento do pesquisador com os grupos estudados. O pesquisador busca possuir paridade em suas relações com os grupos estudados, buscando compartilhar das mesmas condições humanas. Segundo Turra Neto (2008), a observação participante sugere que, compartilhar da mesma rede de sociabilidade não significa necessariamente reter as mesmas opiniões. Contudo, de acordo com Foote-Whyte (1980), é preciso uma abertura para o outro, de modo a superarmos nossos próprios preconceitos e estereótipos – que tendem a cair por terra. Os relatos contados pelos moradores da cidade durante diálogos exercidos nos momentos de observação participante, são posteriormente inseridos como informações complementares no Diário de Campo. Desse modo, seguidamente checamos as informações e utilizamos os dados para elaborar análises, também expomos resultados das análises em mapas, utilizando os *Softwares QGIS e Google Earth*.

Nos trabalhos de campo, frequentamos os espaços públicos da cidade, buscando ampla aproximação com os sujeitos estudados, observando as práticas dos jovens na praça central da cidade. A pesquisa observa os sujeitos estudados em seus múltiplos detalhes, analisando suas diferentes formas de interações espaciais e descobrir a conexão íntima que existe entre elas, em uma abordagem multiescalar, observando a relação do fenômeno em suas territorializações. Também entrevistamos jovens de gerações atuais, para compreender as práticas juvenis da atualidade. As características da observação participante, de acordo com Turra Neto (2011), exigem reflexões preliminares sobre as possibilidades de conhecimento as quais o pesquisador pode se deparar nos trabalhos de campo.

Mesmo utilizando o gravador de áudio, sempre elaboramos relatórios logo após a realização das entrevistas, de modo a não deixar que nada passasse sem a devida atenção necessária, pois existem diferentes aspectos que são relevantes a serem analisados. Após a realização de gravação, ocorre a transcrição dos conteúdos, também acontece o processo de tratamento das entrevistas, quando separamos por temas os conteúdos que aparecem nas falas das pessoas, possibilitando articular os conteúdos, destacando os temas e tipos de assuntos que

mais se repetem nas falas de diferentes entrevistados. O tratamento das entrevistas é uma estratégia de análise de conteúdo, nesse procedimento desenvolvemos leituras gerais do material produzido durante as gravações, também é desenvolvida a organização do material em unidades, através dos temas que surgem é possível estabelecer categoricamente unidades temáticas que facilitem a análise. Assim, passamos a identificar questões importantes e reveladoras sobre a cidade estudada.

Dessa maneira, destacamos que as entrevistas são fonte primária de informações, que possibilitam ao pesquisador acessar conhecimentos diversos e manter contato com a memória dos entrevistados, nesse estudo as entrevistas direcionaram caminhos a serem pesquisados, sendo as entrevistas procedimento fundamental para a pesquisa, nessa pesquisa as entrevistas não são encaradas meramente como uma técnica para coleta de informações, mas sim observadas como fonte primordial para compreensão entorno da memória local e da sociabilidade em diferentes tempos. Em síntese, as entrevistas somadas aos outros procedimentos de pesquisa, entram no estudo como fundamentais estratégias para conhecer as práticas espaciais na perspectiva dos jovens do presente e também das gerações do passado. Com isto, esperamos poder atingir os objetivos apresentados e trazer as contribuições ao debate sobre juventudes e Geografia.

### **3 A história de Oriente e a centralidade da praça principal**

O distrito foi criado com a denominação de Oriente em Outubro de 1934 e ganhou o status de município autônomo em Novembro de 1944, desmembrando-se dos Municípios de Marília e Pompeia. Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) registrados em 2010, a população rural é de 822 habitantes e a urbana é de 5.275 habitantes, com um total de 6.097 habitantes, sendo que de acordo com os dados do IBGE, no ano de 1950, o município chegou a contar com 12 mil habitantes.

A cidade mantém características próprias de uma cidade pequena de regiões interioranas, e ocorrem cavalgadas e eventos de originalidade rural em toda sua história. Nesse sentido, pode-se observar o quanto certos costumes rurais ainda permanecem na cidade estudada.

O rural pode ser compreendido como um espaço incorporado, incorporador ao/do processo geral de urbanização integrado ao urbano, mas guardando algumas especificidades [...] que são “oferecidas”, “descobertas”, “exploradas” como atrações locais [...] (RUA, 2002, p. 35).

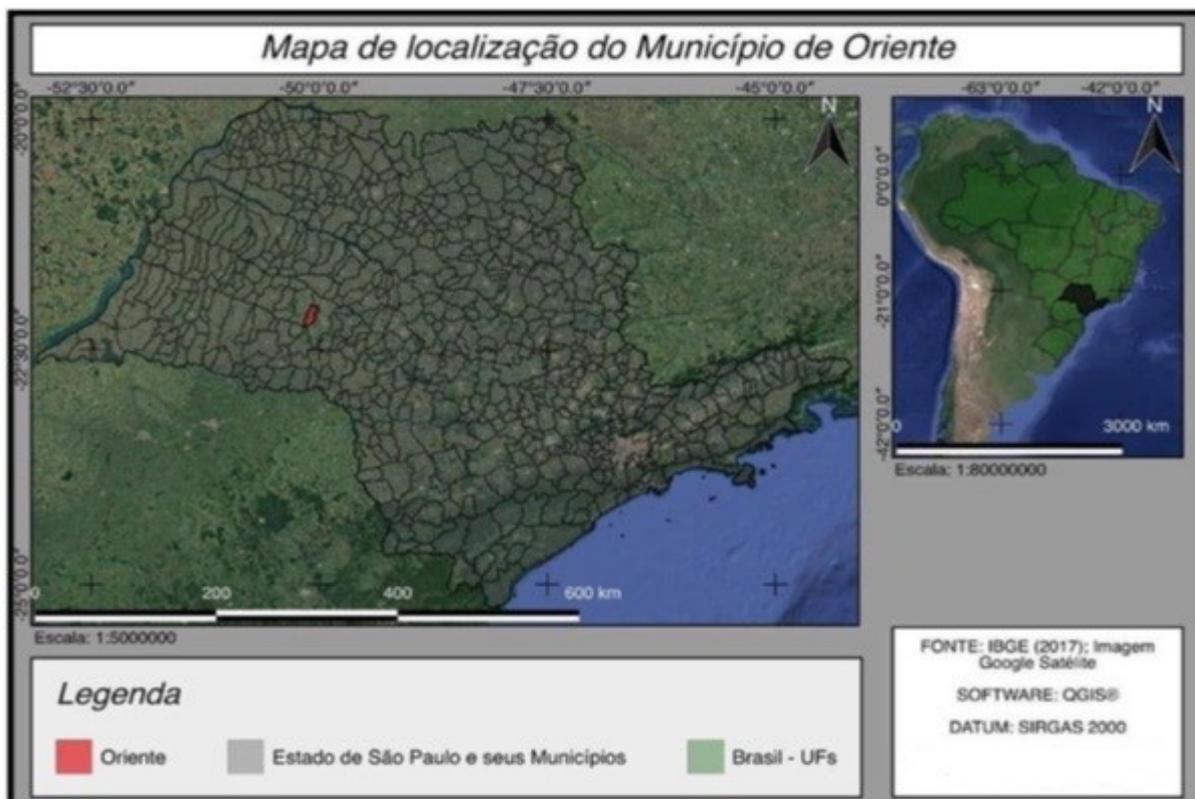
A modernização no campo gerou difusão de tecnologias e modificou as relações de trabalho, impulsionando mudanças também sobre as áreas urbanas. Em determinados locais e setores as transformações foram acentuadas, segundo Wanderley (2001), em outros ainda persistem técnicas mais arcaicas. Assim, existem aspectos de ruralidades nas cidades pequenas, que revelam também a existência de práticas comuns no passado, mas que também encontram-se presentes na atualidade, materializadas na própria paisagem e no espaço.

As relações sociais nas pequenas cidades são marcadas pelas características da personalidade. Segundo Silva (2000), o grau de proximidade entre as pessoas, as relações dos sujeitos com a vizinhança, fazem com que todos se conheçam aparentemente. Assim, é preciso destacar que, as relações de proximidade caracterizam a vida social em pequenas cidades do interior paulista. São denominadas como cidades pequenas a partir das perspectivas de urbanismo e demografia, as cidades que abrigam números menores de cinquenta mil habitantes, e correspondem a uma grande diversidade no Brasil, pois existem mais de quatro mil cidades pelo país nessa classificação, segundo os dados do IBGE. O Estado de São Paulo possui 645 municípios, e segundo os dados da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados Estatísticos (SEADE), existem no estado 505 (quinhentos e cinco) municípios que possuem menos de 50.000 habitantes e que são considerados como cidades pequenas.

As relações econômicas, as dimensões urbanas, o cotidiano da população e as práticas espaciais foram transformadas pelo processo de êxodo rural, intensificado no Brasil na década de 1950, através da chegada da industrialização e das novas tecnologias no espaço agrário. Analisamos aqui como este processo ocorreu no município de Oriente. Este aspecto revela também a existência de rugosidades do passado, presentes na atualidade, as estruturas, a aparência, as formas e funções das pequenas cidades se constituem em paisagens técnicas que podem ser periodizadas perante o desenvolvimento do modo de produção ao longo do tempo.

Ainda que a cidade de Oriente (Mapa 1), possua população rural menor que o índice de população urbana, sabemos que a cidade possui grande relação com o campo em sua história. Dessa forma, aspectos do campo são observados em meio ao cotidiano da cidade de Oriente. São rugosidades de um momento em que a população rural era maior que a urbana e em que o núcleo urbano era importante ponto de apoio para as atividades que aconteciam no seu campo imediato.

Mapa 1 - Localização de Oriente – SP:



(Organizado pelo Autor - Fonte: Dados do IBGE/2017).

A Companhia Paulista de Estradas de Ferro, partindo de Bauru, rumava durante o século XX, ao oeste do Estado de São Paulo. Segundo Lobato (2004), durante o ano de 1929, Carlos Vendramini, estabeleceu-se nas terras, onde derrubou a mata existente e preparou o terreno para formação de um povoado, núcleo inicial de Oriente. Consequentemente outros habitantes foram chegando, e abrindo pequenos sítios dedicados ao cultivo de amendoim e algodão, que com passar dos anos foram substituídos pelo cultivo de café. Segundo Lobato (2004, p. 12), para a denominação de suas estações, a Companhia Paulista de Estradas de Ferro estabeleceu ordem alfabética, à medida que fossem sendo instaladas, destacando o povoado de Carlos Vendramini, referenciado pela letra “O”, sendo este o motivo da designação do nome Oriente. De acordo com Leite (1972), os avanços nas construções de trilhos trouxeram para o interior paulista várias pessoas de diversas regiões do Brasil, que foram importantes no povoamento urbano, que geralmente se iniciava nos arredores das estações. A cidade de Oriente (Figura 1) é considerada uma cidade pequena, segundo as classificações do IBGE. De acordo com Lobato (2004), durante a década de 80, o comércio da cidade era mais movimentado, devido as atividades da Usina Paredão na cidade, que funcionava na área rural do município e que fortalecia a economia local e regional. Com as crises econômicas e com a intensificação do processo de êxodo rural,

a Usina Paredão foi perdendo potencialidades na economia da cidade e acabou demitindo funcionários, por não haver mais o mesmo grau de produtividade.

**Figura 1** - Fotografia da Cidade de Oriente / SP:



(Fonte: Biblioteca Municipal de Oriente - 2018)

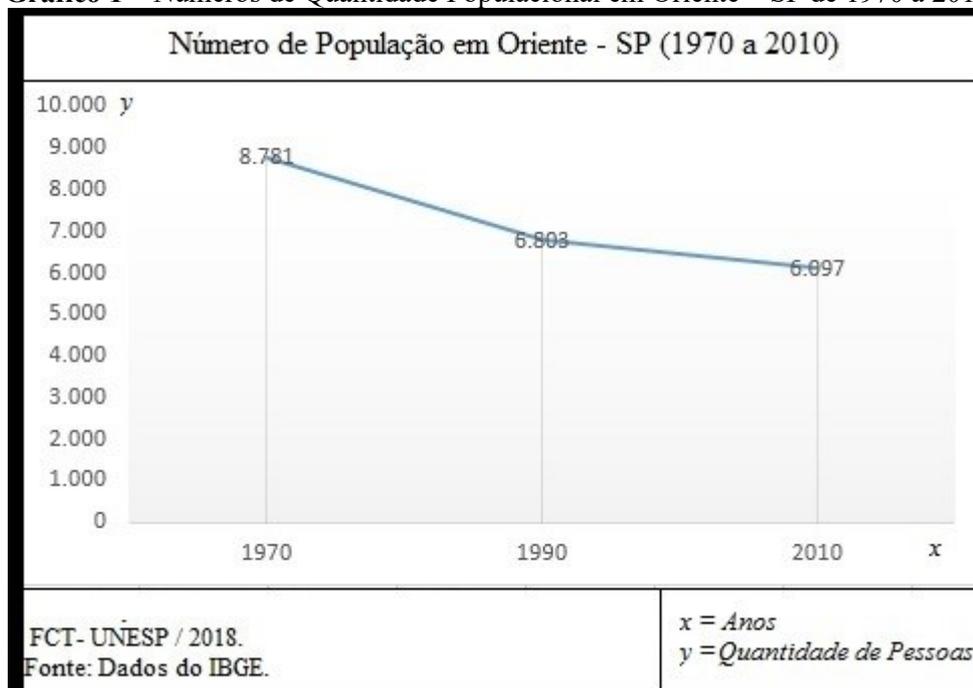
Segundo Lobato (2004), é parte relevante da história da cidade, a participação da família Vendramini, uma das famílias consideradas “pioneiras” no município, que loteou parte da cidade e reservou uma quadra inteira para que fosse construída a Igreja, que recebeu o nome de Igreja Santa Luzia, em homenagem à padroeira do Patrimônio. Essa Igreja era atendida pela Paróquia de Santo Antônio, de Marília. Com o crescimento da localidade foi, então, planejada a construção de uma nova Igreja, que passaria a ser a Matriz.

De acordo com Lobato (2004), mesmo após o início dos anos 2000, a cidade ainda mantém relações importantes com o meio rural. Suas pesquisas demonstram que existia 70% das terras ocupadas por pastagens em 2001, com o desenvolvimento da pecuária. Ainda existem locais de cultivo de seringueira e locais com atividade de pecuária no município, mas o meio rural já não possui a mesma dinâmica anterior a 1980, o que teve impactos tanto na demografia de Oriente, quanto na decadência de seus comércios e serviços e, conseqüentemente, de seus papéis urbanos. Como afirma Lobato (2004), com a perda de contingente populacional e as demissões em massa na principal usina da cidade, a denominada Usina Paredão, as mudanças econômicas no comércio local de Oriente passaram a se intensificar, comércios fecharam as portas e empresas declararam falência. Oriente, até 2010, não voltou a recuperar o número de população que possuía na década de 1970.

Segundo Moreira (2005), no período entre 1960 até 1980, o êxodo rural se intensificou no Brasil, pois ocorria intensificação da mecanização no campo, período em que máquinas substituíam a mão de obra humana nas áreas rurais, combinado ao surgimento de indústrias nas

grandes cidades, que necessitavam de mão de obra. É preciso evidenciar o Gráfico 1, que expõe fundamentalmente dados que acompanham a trajetória das décadas estudadas nessa pesquisa.

**Gráfico 1** – Números de Quantidade Populacional em Oriente – SP de 1970 a 2010.



(Fonte: Dados do IBGE. Análises por décadas – Organizado pelo autor, 2018).

Destaca-se que nos últimos anos chegaram novos empreendimentos industriais da empresa Jacto S/A, o que possibilita a chegada de novas famílias na cidade a partir das novas oportunidades de emprego, o que pode significar uma retomada do crescimento populacional – questão a ser verificada no próximo levantamento censitário do IBGE, que está previsto para acontecer durante o segundo semestre do ano de 2020, procedimento o qual levará a exposição dos resultados e dos dados do IBGE somente após o primeiro semestre do ano de 2021.

A Usina Paredão, que no passado movimentou a economia da cidade, e que possibilitava crescimento demográfico ao município, nos dias atuais vem diversificando suas atividades, porém, a Usina já não possui o mesmo potencial econômico do passado.

Notamos que, desde a década de 1960 até a atualidade, em 2020, a cidade de Oriente possui um único e antigo centro, situação típica em cidades pequenas no Brasil. Assim, é possível notar que estão entrelaçados na dinâmica das cidades pequenas, o desenvolvimento de uma sociedade globalizada combinado aos ritmos de um espaço urbano que passa de modo desacelerado por mudanças e transformações ao longo do tempo. A cidade de Oriente, também tem sua formação inicial influenciada pela construção da ferrovia, uma situação típica de muitas cidades do interior paulista. Atualmente, a cidade de Oriente mantém uma função de cidade

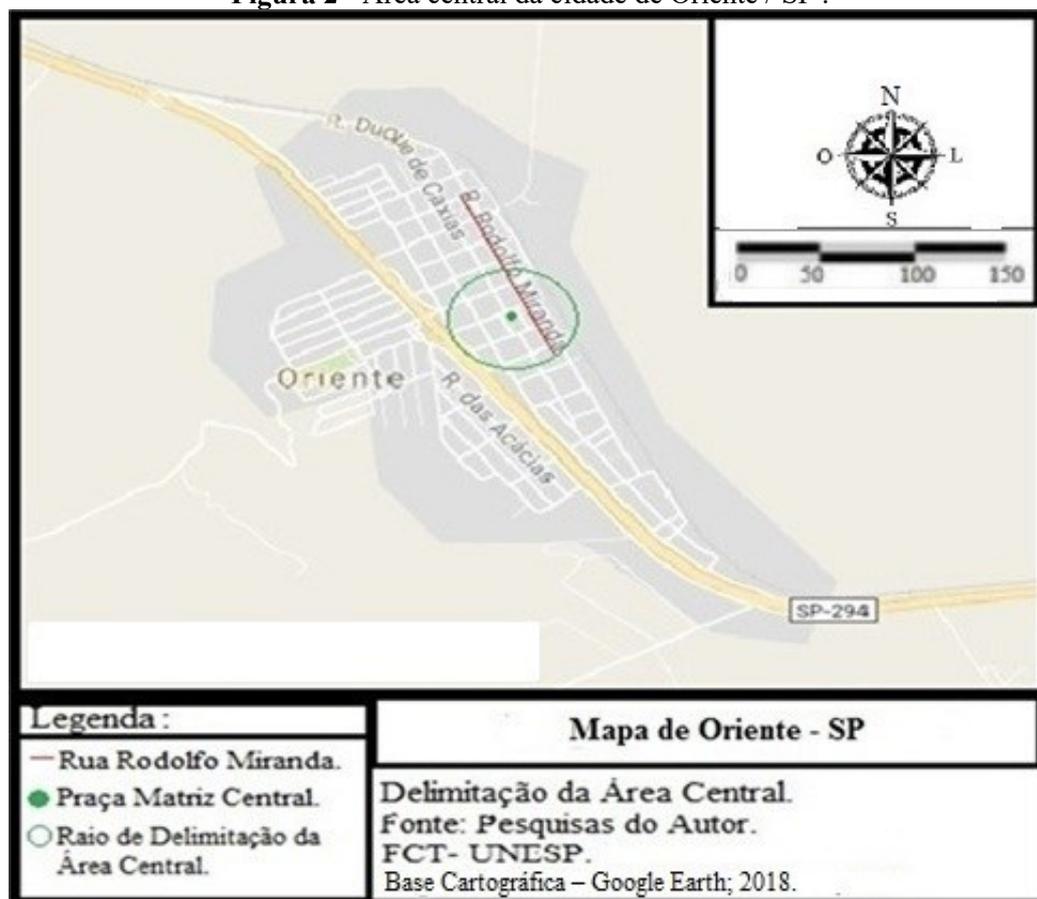
dormitório, pois diversas pessoas residem e dormem em Oriente, mas vão trabalhar fora, em Marília ou mesmo em Pompeia, cidades vizinhas que sempre ofereceram oportunidades de emprego, devido as grandes empresas industriais e agroindustriais instaladas nesses municípios. Destaca-se que a Rodovia SP-294 cruza a cidade de Oriente e gerou influências na estruturação do seu espaço urbano. Assim, a parte mais antiga da cidade, onde está o centro, encontra-se mais ao leste da Rodovia SP- 294, e a parte mais nova da cidade encontra-se no lado oeste da rodovia. A cidade de Oriente possui apenas um único centro e também apenas uma praça principal e central, constituindo historicamente aspectos de monocentralidade. Na praça central há enorme potencial de convívio entre os habitantes na pequena cidade, caracterizada por ser um espaço público que possibilita o encontro entre as pessoas.

A relação entre centro e centralidade se apresenta de maneira dialética, assim não há centro sem centralidade, como não há centralidade sem centro (SPOSITO, 1998). Segundo Whitacker (2003), o centro é fundamental na estruturação urbana, que é desenvolvida a partir do processo de produção do espaço urbano nas cidades contemporâneas.

A centralidade é relacionada a movimentação que ocorre no lugar e o quanto as pessoas de outros bairros mais distantes frequentam a área central, pois ali é o principal espaço quando se trata de relações da sociabilidade, de propagandas comerciais e de contato com diversas informações na cidade. De acordo com Sposito (1998), a centralidade nas cidades não é verificada somente pelo número de comércios que se instalam em determinado bairro, mas também pelo fluxo que ocorre no espaço central, pela fluidez de automóveis e de pessoas, pela frequência de atividades de consumo.

Para a delimitação da área central e das principais centralidades da cidade, é necessário compreender o processo de desenvolvimento urbano que ocorreu na rede urbana na qual este pequeno município está inserido. O centro de Oriente é marcado pela Praça da Igreja Matriz e pela Rua Rodolfo Miranda (Figura 2), o centro desempenha funções centrais, ou seja, os principais estabelecimentos comerciais da cidade estão ali localizados, como sorveterias, mercados, padarias, lojas de roupas, calçados e acessórios, agências bancárias e bares, além da gestão pública administrativa.

Figura 2 - Área central da cidade de Oriente / SP :



(Base Cartográfica – Google Earth – Organizado pelo autor, 2018).

Mesmo que exista em alguns bairros a presença de determinadas modalidades de comércio, como pequenos mercados ou padarias, farmácias, pequenas empresas e alguns tipos de lojas, durante o cotidiano nas pequenas cidades, para solucionar questões práticas, os moradores precisam ir até a área central.

A centralidade está relacionada a troca de bens e serviços e a coordenação de outras atividades que não estão localizadas necessariamente no centro (como a gestão administrativa, financeira e política), nos remete mais especificamente à ideia de necessidade de expansão de meios de consumo individual, considerando-se que a principal base espacial do consumo está expressa no centro, e nas novas formas espaciais de manifestação da centralidade (SPOSITO, 1998, p.36).

Segundo Lefebvre (2008, p. 90), “não existe cidade, nem realidade urbana, sem um centro”. Os centros possuem fundamental relevância na composição da forma urbana, nas pequenas cidades existe ampla presença da monocentralidade, situação construída a partir da existência de um único centro que polariza toda a cidade.

Segundo Corneli (2013), as praças centrais possuem papel predominante no desenho e na vida das pequenas cidades, pois historicamente são espaços de convergência de edifícios públicos e ruas, de fluxos de pessoas e atividades sociais.

As pequenas cidades apresentam situações em que a sociabilidade está muito condicionada à pessoalização porque os indivíduos vivem em um ambiente social com um alto grau de proximidade com seus contatos e, muitas vezes, tomam conhecimento do mundo a sua volta a partir de relações essencialmente interpessoais. Os sujeitos reconhecem e são reconhecidos pelos outros em decorrência de sua marca pessoal, de seu nome, de suas atitudes. Tudo é amplamente dominado pela coletividade e a pessoalidade. As festas, as rezas, o lazer, as estórias, as conversas são compartilhadas com todos (SOARES; MELO, 2010, p. 245).

Nas cidades pequenas, o centro e a praça central são espaços onde se desenvolvem relações de vivência entre diversos sujeitos, são espaços que possibilitam encontro dos grupos de jovens, adultos e idosos. As praças são observadas como o lugar intencional do encontro, das expressões de permanências e das práticas espaciais. Segundo Corneli (2013), as praças são espaços de manifestações da vida urbana e das relações sociais da sociedade local. Em Oriente, observa-se a praça principal como espaço para festividades, pois ali ocorrem comemorações de títulos esportivos, de festas típicas, comemorações de Natal e de réveillon. As praças centrais também são espaços públicos que fornecem aspectos relevantes para compor a qualidade de vida das pessoas, uma vez que as praças possuem a presença de vegetação que é responsável por gerar a sensação de bem-estar nas pessoas. Na cidade de Oriente, tanto as famílias que residem nos bairros considerados “periferias”, quanto as famílias que residem nos bairros com ampla estrutura urbana, frequentam o comércio local, localizado no único centro, bem como seus espaços de encontro. Segundo Ferreira (2006), nas pequenas cidades o imaginário social diante do urbano estabelece a estigmatização das áreas de conjuntos habitacionais e de bairros com grande número de casas com alvenaria precária, pois são vistos como periferias pela população local.

As cidades pequenas possuem como característica marcante as relações cidade-campo aglutinadas. Na maioria dos casos, são cidades sujeitas a polarização de outras cidades maiores, presentes na rede urbana. Assim, algumas pequenas cidades podem servir apenas de “dormitórios”, para diversos trabalhadores e estudantes, a partir do movimento pendular que cotidianamente realizam para a cidade maior, quando esta é relativamente próxima.

Ainda que a dimensão demográfica seja relevante para definir o que seria uma cidade pequena, não deve ser designada como o único fator que possibilita sua identificação. É necessário observar questões históricas e também examinar as relações entre forma, conteúdo

e função nas cidades pequenas, além de observar o contexto regional no qual as cidades pequenas estão inseridas.

Existe sobre Oriente uma enorme influência da polarização de Marília, que possui papel importante enquanto cidade média nas proximidades. Devido à ausência de produção e comercialização de alguns produtos modernos e industrializados, as pessoas que residem nas cidades pequenas frequentam outras localidades, de maior nível funcional, para adquirirem determinados produtos e serviços especializados, como por exemplo, serviços de saúde ou de lazer. Nesse sentido, é necessário observar o contexto regional e a rede urbana em que estão inseridas, bem como suas relações com o campo, levando em consideração as particularidades da produção do espaço urbano nas micro-escalas, pois, segundo Soares e Melo (2009, p. 36):

[...] as pequenas cidades no Brasil, entendidas enquanto espacialidades que compõem a totalidade do espaço brasileiro, na condição de partes integrantes e interagentes, são marcadas pela diversidade. Tal característica pode ser entendida a partir do contexto regional em que estão inseridas, pelos processos promotores de sua gênese, bem como no conjunto de sua formação espacial.

Segundo Capel (2009), no passado, as cidades pequenas eram centros de serviços e comércios, tendo como função primordial contemplar as demandas do campo. Contudo, a modernização da agricultura, a melhoria nos sistemas de transporte e comunicação, acompanhando o êxodo rural e o aprofundamento do processo de globalização, influenciaram mudanças no significado das pequenas cidades.

De acordo com Santos (1993), as pequenas cidades são consideradas “cidades locais”, a partir do critério do número de população e através das funções.

Entre as “cidades locais”, é preciso diferenciar as pseudocidades das cidades locais que “dispõem de uma atividade polarizante”, denominadas como cidades de subsistência. As pseudocidades são inteiramente dependentes das atividades de produção primária, como as cidades do norte de Minas Gerais, ou as grandes aldeias, e mesmo de atividades não primárias, como algumas cidades industriais ou cidades religiosas, universitárias, balneárias, de montanha (serranas), etc. Já as cidades de subsistência são aglomerados populacionais com uma dimensão mínima, que “deixam de servir às necessidades da atividade primária para servir às necessidades inadiáveis da população com verdadeiras especializações do espaço e que apresentam “um crescimento auto-sustentado e um domínio territorial”, respondendo às “necessidades vitais mínimas, reais ou criadas de toda uma população, função esta que implica em uma vida de relações” (SANTOS, 1993, p.72).

Assim, consideramos que entre as “cidades locais”, estão também aquelas localizadas em regiões que passaram pelo processo de modernização ou que apresentam significativas transformações espaciais em função dos avanços tecnológicos. A cidade de Oriente apresenta uma trajetória histórica marcada pelo processo de modernização em função dos avanços tecnológicos. A indústria multinacional Jacto S/A e outras empresas, que realizam produção

mecânica ou tecnológica, estão instaladas na região e possuem estruturas instaladas no município. As pequenas cidades que passam por modernização, recebem influências que são transmitidas pelos meios de comunicação, pelo consumo e pelas diversas redes, que transmitem conteúdos que se disseminam amplamente em um mundo globalizado. Influências culturais, políticas e ideológicas, que impactam nas práticas dos sujeitos e também nas práticas dos agentes que atuam na produção do espaço urbano em escala local, como por exemplo, imobiliárias, prefeituras e construtoras locais.

É necessário também observar as cidades pequenas a partir da expressão temporal, levando em consideração as dimensões históricas, o tempo no qual as cidades estão inseridas, pois assim será possível verificar a estrutura urbana. Em cidades pequenas, as perspectivas de centralidade são diferentes daquelas das cidades médias e grandes, quando se trata por exemplo dos serviços bancários, são instalados geralmente em um único centro em meio a malha urbana, constituindo-se em uma forma monocêntrica. Na cidade de Oriente, as agências bancárias, serviços financeiros e escritórios de contabilidade, estão localizados no centro principal, dificultando a criação de outras centralidades em meio a esses espaços urbanos.

A partir destas questões, contextualizamos a história de Oriente em nosso estudo, possibilitando compreensão ampla das mudanças que ocorreram nessa cidade pequena ao longo dos anos. Compreendemos que o cotidiano e as práticas se associam e também são contextualizadas pela dinâmica do município, pois as práticas dos habitantes na cidade pequena compõem a conjuntura urbana do município, refletindo sobre os usos dos espaços públicos e sobre a cultura local.

#### **4 A sociabilidade e as práticas espaciais de diferentes gerações de jovens na praça central**

O espaço urbano monocêntrico e pouco complexo desta cidade faz com que a Praça Central tenha ainda relevância como local de encontro, este aspecto foi constatado em observações empíricas durante o cotidiano da vida social. A cidade de Oriente conta com movimentações de jovens, durante as noites de fim de semana, na sua praça central (Figura 3), geralmente após as missas na Igreja que se encontra localizada na praça. Nesse espaço público, os jovens se relacionam, escutam músicas através de aparelhos celulares, ou ao redor de carros em torno dos estacionamentos das proximidades, consomem refrigerantes e outros diversos tipos de bebidas, formando pequenos grupos. Os gêneros musicais são os mais diversos.

**Figura 3** - Praça Central de Oriente em diferentes tempos:



(Fonte: Acervo do Autor – Imagens disponibilizadas pela Biblioteca Municipal de Oriente, 2017).

Destaca-se que a praça central é historicamente utilizada como ponto de encontro dos grupos juvenis em Oriente durante diferentes décadas, contudo na atualidade, durante o cotidiano comum existe míngua presença de jovens na praça, sendo que o momento de principal comparecimento de grupos juvenis na praça central ocorre durante os finais de semana, no período noturno após a missa que ocorre na Igreja, exceto esse momento, existe presença de grupos juvenis na praça somente em momentos festivos ou específicos, como por exemplo, quando ocorrem quermesses na praça, ou quando grupos religiosos juvenis combinam encontros no espaço da praça central. Durante este estudo analisamos as mudanças e continuidades que ocorreram nas práticas das diferentes gerações de jovens, das décadas de 80, 90 e também verificando as práticas da atualidade. Segundo Oliveira (2009), geração é definida como um grupo de pessoas que, compartilham uma localização cronológica na história, e também as experiências a ela associadas.

É extremamente importante ressaltar a relevância das análises desenvolvidas sobre as gerações que representam novos hábitos culturais e novas perspectivas, que se impulsionaram, de acordo com Abramo (1997), a partir dos anos 70. Para Abramo (1997, p. 37), “as gerações após 1970 [...] são as primeiras a incorporar as transformações da modernidade em seus comportamentos”.

Destaca-se que não é possível comparar globalmente uma geração com outra, é possível apenas estipular algumas diferenças de características, pois em cada contexto socioespacial concreto os(as) jovens se depararam com diversas questões específicas e elaboraram respostas originais (TURRA NETO, 2014).

Como não se deve comparar globalmente, objetivamos estudar apenas das mudanças nas práticas, nos espaços e tempos de sociabilidade, nas formas como o encontro sociável acontecia e acontece atualmente, respeitando a especificidade de cada geração. Destacamos que nas cidades pequenas há continuidade quanto aos locais e às práticas que são possíveis de acontecer e há descontinuidade em relação aos conteúdos destas práticas, as tensões e relações, as referências culturais e possibilidades de circulação e comunicação. Assim, também evidenciamos que se encaixam na dinâmica das cidades pequenas, a evolução fugaz de uma sociedade globalizada combinada com um espaço urbano que passa de maneira desacelerada por mudanças ao longo dos anos. Nas pequenas cidades, as sociedades passam por transformações aceleradas, enquanto o espaço urbano sobre o qual sobrevivem os habitantes, é modificado ao longo dos anos de modo delongado. As limitações de um espaço urbano que passa lentamente por modificações, condicionam também os sujeitos que sobrevivem sobre o urbano nessas pequenas cidades. Contudo, destaca-se que os sujeitos e o conjunto da sociedade também atuam sobre o urbano e de maneira dialética também exercem influência sobre o espaço que está ali sendo cotidianamente produzido em sua materialidade e imaterialidade.

De acordo com Oliveira (2009), os indivíduos das novas gerações apresentam diversas habilidades ao lidar com as novas tecnologias, seu ingresso no mercado de trabalho foram após o ano de 2008 e seus valores estão baseados em buscar autoconfiança e independência pessoal, tendem a questionar mais, são mais conectados e mais curiosos. Adaptação e criatividade são algumas características fundamentais para descrever a geração que vem ganhando espaço nas pesquisas sobre juventudes. Segundo Oliveira (2009), os nascidos a partir 1995, ao contrário da geração denominada como “Millennials” (de 1980 até 1994), cresceram em um contexto digital e cheio de diversidades modernas.

Na década de 90, os jovens da atualidade ainda não eram adolescentes, tampouco jovens, eram apenas crianças. Estudamos aqueles que vivenciaram sua juventude durante os anos 90, separadamente, evidenciando questões particulares daqueles tempos. Assim, durante a pesquisa, foram entrevistadas pessoas que vivenciaram suas juventudes nas décadas de 1980, 1990 e 2000-2020.

Segundo Mannheim (1968), a experiência de uma situação social comum que expõe os sujeitos a um processo coletivo constrói os elementos geracionais, assim as pessoas de uma mesma geração compartilham experiências comuns. Contudo, não significa uma experiência igual a todos, mas expõe todos as vivências do próprio tempo histórico. Diante desse processo, destaca-se que a condição de classe social e o compartilhamento do mesmo contexto espacial são elementos que impulsionam influências nas vivências dos indivíduos e fazem com que eles

componham o que Mannheim (1968) chamou de unidade geracional. De acordo com Turra Neto (2011), geração é um conceito que emerge no quadro do debate sobre juventudes para salientar a diferença entre os grupos de idade e entre jovens de períodos diferentes. Segundo Feixa e Leccardi (2010), a concepção geracional é formada sobre a consciência dos sujeitos, a partir das influências construídas através do imaginário social, exercendo vínculo estreito com a dimensão da experiência. De acordo com Turra Neto (2014), a demarcação de cada geração não é resultado de uma sucessão de idades, mas de quebras de continuidade na vida coletiva.

As gerações estão sobrepostas e não delimitadas radicalmente. Segundo Turra Neto (2014), o conceito de geração possui uma inegável dimensão espacial, além da óbvia dimensão temporal, sendo o espaço observado como o contexto concreto de realização das interações sociais, da sociabilidade e das práticas espaciais, que formam a identidade de resposta às situações do presente. O contexto espacial é considerado o laço que dá unidade à geração.

Segundo Magnani (2005), a sociabilidade juvenil em áreas urbanas é inscrita nas experiências que os sujeitos exercem pela cidade, desenvolvendo assim participação no processo de produção dos espaços urbanos e, através das práticas juvenis, ocorre também a produção de conhecimento e a constituição da identidade do jovem, em relação a outros espaços e atores sociais. É preciso destacar que a sociabilidade é aquilo que ocorre nas ruas, a partir das trocas de ideias, assim é relacionada as trocas que realizam os diferentes sujeitos, como o jogo da vida, pois as formas de sociabilidade podem ser observadas na convivência da população com o urbano, como por exemplo, em uma sala de cinema, em uma praça, em uma quadra de esportes ou em um café. Segundo D'Incao (1994), a sociabilidade no passado envolvia muito mais as diferentes classes sociais em profundas relações conjuntas, por terem acesso às ruas e também tempo disponível para os encontros sociais. Contudo, os movimentos da modernidade, como a disseminação dos aparelhos telefônicos, dos automóveis e dos diferentes meios de comunicação, foram reduzindo as perspectivas de sociabilidade entre as classes sociais diferentes, restringindo-se a pequenos grupos de estratos semelhantes.

O avanço da modernidade e o surgimento de novas tecnologias da área de comunicação gerou reflexos sobre as formas de sociabilidade, ampliando a conexão e diminuindo as distâncias para diálogos, mas também gerou impulsos sobre o aumento do individualismo entre alguns sujeitos, gerando ampliação no distanciamento físico entre as pessoas, e impulsionando aumento nas conexões digitalizadas. Contudo, mesmo com todos os problemas de relações entre jovens e com inovações tecnológicas, a sociabilidade é uma força que sempre se refaz e nunca deixa de existir, pois é uma pulsão, uma necessidade vital.

A sucessão de gerações exerce posição dialética perante a construção da história, é preciso destacar também, que ocorrem “coincidências” e “sobreposições”, entre as diferentes gerações. De acordo com Bauman (2007, p.372), “as fronteiras que separam as gerações não são claramente definidas, não podem deixar de ser ambíguas e atravessadas e, definitivamente não podem ser ignoradas”. Segundo Dayrell (2003), os estilos das juventudes no século XXI são extremamente variados, desde jovens preocupados com os impactos humanos ao meio ambiente, até jovens que não se preocupam com o amanhã, mas pensam somente no presente, jovens hippies, jovens country’s, jovens punks, jovens do rock, jovens skatistas, jovens esportistas, entre outros estilos. Dessa maneira, os jovens vão construindo múltiplas identidades. Destaca-se que esses estilos se reproduzem em meio as pequenas cidades, demonstrando que as transformações sociais ocorrem também nelas. A partir das análises sobre juventudes, observamos questões relevantes em torno das identidades culturais, que são estudadas principalmente a partir de Dayrell (2003) e Turra Neto (2008). É preciso também destacar a relação das identidades culturais com as microterritorialidades juvenis, para explicar como ocorrem as práticas juvenis em micro escalas. A juventude é uma condição social, não pode somente ser observada como uma etapa com um fim predeterminado e também não é somente um momento de preparação que será superado com o chegar da vida adulta.

Os jovens são sujeitos sociais, pois realizam ações protagonistas, os sujeitos agem sobre o mundo, e nessa ação produzem e, ao mesmo tempo, são produzidos no conjunto das relações sociais nas quais se inserem. Assim, neste estudo são evidenciadas as práticas dos(as) jovens sobre os espaços públicos nas cidades, buscando compreender a experiência juvenil e as microterritorialidades. Para a Organização das Nações Unidas (ONU), considera-se jovens sujeitos que possuem entre os 15 e os 29 anos, segundo os dados do IBGE de 2015, existem no Brasil, cerca de 51,3 milhões de habitantes dentro desta faixa etária, que representa um quarto da população do país. De acordo com a Secretaria Nacional de Juventude (SNJ), no Brasil considera-se, de 15 a 17 anos, jovem-adolescente, de 18 a 24 anos, jovem-juvenil e de 24 a 29 anos, jovem adulto. Contudo, nesse estudo, observamos a juventude como condição social, não sendo delimitada por critérios rígidos relacionados à faixa etária.

Por serem numerosos protagonistas, os jovens também são sujeitos sociais, alguns jovens criam permanências quanto à própria juventude, surgindo aspectos de juventude estendida, que é um processo de prolongamento da condição juvenil, possibilitando encontrarmos na sociedade, pessoas na condição juvenil, com mais de 30 anos de idade, o que indica que juventude não pode ser circunscrita a critérios etários rígidos, mas tem relação com uma experiência social. Segundo Giddens (1991), a juventude também pode ser entendida como

um estilo de vida. As juventudes são extremamente diversificadas, podendo existir pessoas de diversas idades na condição juvenil, as diversidades das juventudes vão desde as faixas de idade, até os gostos, identidades de gênero, estilos e hobbies. As relações entre estilo de vida, hobbies, alimentação e identidade, são diferentes entre os distintos grupos de jovens, pois são relações sujeitas ao tempo geracional.

O conceito de geração assume uma particular importância para a compreensão do papel da juventude nas sociedades modernas. Geração é um conjunto de indivíduos nascidos no mesmo tempo e que detêm uma experiência comum. Estes indivíduos expressam, simultaneamente, uma determinada maneira de encarar a vida, assim como os seus problemas. Ora ser jovem, na sociedade contemporânea, não é apenas uma condição biológica, mas sim uma maneira prioritária de definição cultural. A juventude contemporânea deixou de ser uma condição biológica e tornou-se, portanto, numa definição simbólica (DOUTOR, 2016, p.162).

A condição juvenil nem sempre representa descontinuidades ou rupturas com as relações e práticas das gerações anteriores, também pode representar continuidades, que refletem sobre a construção de identidades. Os jovens são protagonistas nas construções de grupos a partir dos diferentes estilos. As formas de socialização ocorrem a partir das normas e dos valores que possuem os diferentes jovens, que frequentam diferentes espaços, desde espaços privados, até mesmo praças, ruas, parques entre outros espaços públicos.

Os jovens que fazem da rua um lugar de encontro e sociabilidade expressam a possibilidade de recuperação do sentido público e educativo da rua, numa implícita condenação ao recolhimento à sociabilidade exclusiva dos espaços privados (CARRANO, 2001, p.11).

As ruas nas grandes metrópoles, nas cidades médias e cidades pequenas são espaços por onde transitam os jovens, são utilizados pelos adolescentes como espaços de lazer, pontos de encontro e são espaços de convivência entre as juventudes diversas. As cidades são compostas por diferentes indivíduos, destacando diferentes grupos juvenis, que realizam práticas e comportamentos urbanos diversos, explorando as dimensões culturais dos espaços públicos e também as dimensões políticas. As praças centrais, parques e ruas nas cidades pequenas são espaços de vida cotidiana e de práticas espaciais locais.

As práticas dos jovens nas cidades constituem territórios, como acontece com os diferentes grupos conhecidos de jovens: o *hip-hop*, o *funk*, os grupos religiosos, as torcidas de futebol, os quais resultam de práticas de grupos com vinculações em redes, às vezes virtuais e globais, mas que se delineiam no cotidiano dos territórios por eles constituídos nos locais (CAVALCANTI, 2013, p. 75).

Segundo Côrrea (2007, p.63), as práticas espaciais envolvem ações pontuais, por diferentes grupos, sujeitos ou agentes que atuam na produção do espaço urbano, orientados por seus projetos, por suas iniciativas e por suas aspirações. Para Souza (2013, p.52), as práticas espaciais de distintos grupos, possibilitam a (re)produção do espaço urbano. A efetuação de práticas espaciais juvenis impulsiona o processo de construção das identidades individuais e também coletivas, dos sujeitos ao existir amplo contato deles com a cidade.

Em suas práticas, os jovens usam seus corpos e a cidade, ocupando-os, apropriando-se deles e produzindo neles suas marcas. Sendo assim, participam das práticas espaciais formadoras de territórios, de múltiplas territorialidades. Na formação e na manutenção desses territórios, os jovens fazem suas marcas, “modelando” suas paisagens, reais e imaginárias. Nessa prática de jovens está a definição de seus lugares de ficar/transitar, como grupos, nos lugares da cidade, lugares que eles identificam como seus, se identificam neles. Por exemplo, em algumas cidades, os pichadores de rua costumam frequentar praças, feiras ou shopping center. Outros grupos de jovens vivem a cidade e se apropriam de lugares públicos, como rua, praças, shopping, como um modo de enfrentar e “quebrar” a lógica da segregação, da privatização e do individualismo presente na produção dos espaços urbanos (CAVALCANTI, 2013, p. 78).

Quando repetidas, as práticas espaciais de maneira sistemática se transformam em processos de territorialização, grupos de jovens passam a construir redes de sociabilidades e passam a exercer territorialização sobre determinados espaços públicos ou de uso coletivo.

Destaca-se que entre as práticas juvenis durante os anos 80, frequentar à praça tinha papel fundamental na sociabilidade dos jovens, uma vez que a praça era utilizada como ponto de encontro, nos finais de semana reuniam-se ali, e dali os jovens se direcionavam para as chamadas “discotecas ou festas”.

Geralmente, os jovens nos anos 80 se encontravam na praça. Alguns grupos de jovens se encontravam na praça para posteriormente ir ao cinema que existia na cidade na época, ou mesmo para ir as festas no clube que existia na cidade. Alguns jovens frequentavam, pra namorar, a praça da Rua Júlio Prestes, e quem queria fazer algo diferente, namorar de forma mais intensa, dar uns beijos mais fortes, ou usar drogas, ou fazer coisas escondidas, frequentavam outros lugares, como o Campo de Futebol da Fazenda Paredão<sup>3</sup> à noite, quando já víamos o pessoal indo pra lá, já pensávamos sempre que era coisa errada que iriam fazer. A sociedade de modo geral via dessa maneira. A gente frequentava o clube aqui na cidade também durante minha juventude, a gente se encontrava na praça antes e depois frequentávamos o clube, no clube ocorriam festas diversas e bailes, e frequentávamos a praça nos domingos à tarde também. Alguém levava um violão e ficávamos nas músicas do violão. Não havia esse negócio de hoje em dia, de carro com som. Fazíamos festinhas em casa de amigos também, essas festas de jovens. Shows só aconteciam em Oriente na época de campanhas políticas, ou datas festivas. Nos eventos políticos ocorriam shows de duplas musicais e shows principalmente do estilo sertanejo (Entrevista realizada em Outubro de 2017, na cidade de Oriente – Lúcia<sup>4</sup>, 55 anos – Moradora de Oriente).

<sup>3</sup> Campo de futebol localizado nas proximidades da Rua Pref. João Carvalho Ferraz.

<sup>4</sup> Lúcia: 55 anos, moradora de Oriente; Bairro: Centro, possui Ensino Médio Completo; Estado Civil: Solteira, possui renda familiar de um salário mínimo. Entrevista realizada na residência da entrevistada no dia 03 de Outubro de 2017.

A praça central é um importante espaço de lazer para as juventudes em diferentes décadas. Ainda nos primeiros anos da década de 80, as entrevistas revelaram que em Oriente, ocorriam práticas semelhante ao “*footing*” aos domingos na praça, que possuía ampla presença de rapazes e moças que, passeavam de um lado para o outro, paquerando e buscando se divertir. Durante as entrevistas, notamos que com o passar dos anos, a prática do “*footing*” foi sendo substituída por outras formas de sociabilidade, como rodas de violão entre grupos de jovens, e como o envolvimento com bebidas alcoólicas. O “*footing*” é um termo que vem do inglês e significa “ir a pé”, prática existente durante do século XX, em cidades pequenas. As mulheres colocavam roupas e vestidos elegantes, em seguida saíam para caminhar em algum lugar movimentado da cidade, com o intento de serem observadas pelos rapazes, que geralmente saíam de suas casas também bem arrumados e com roupas bonitas. Segundo Pais (1996), as culturas juvenis são socialmente construídas e também possuem uma “configuração espacial”, utilizam espaços durante a efetivação das práticas de âmbito cultural, e de modo dialético produzem espaço, ao se territorializar com ampla frequência e inserir nos espaços as características dos grupos juvenis.

Durante os anos 90 a praça central na cidade de Oriente era referência como ponto de encontro dos grupos de jovens, aspecto já que existia nos anos 80, demonstrando a relevância da praça central e a permanência do espaço como lugar para encontro de jovens. Durante a década de 90, a juventude em Oriente nos momentos de lazer e tempo livre, passou a frequentar mais as lanchonetes privadas. Contudo, ainda existia grande movimento de jovens na praça central nos fins de semana, especialmente após o fim da Missa no sábado à noite. Quando indagadas sobre a frequência ao cinema ou ao teatro ou algum circuito cultural, as pessoas responderam que não havia cinema nos anos 90 na cidade e que acessavam poucas atividades culturais fora das datas festivas, que eram promovidas pelo poder público.

Não frequentávamos teatro e nem cinema, mas sei que na cidade já teve cinema há muitos anos atrás, mas não frequentava não, a gente frequentava, durante os anos 90, a praça central da cidade e o campo da fazenda pra assistir aos jogos e conversar com o pessoal por lá. Geralmente, as festas eram nas datas especiais, mas, em dias comuns a gente ficava batendo papo, conversando na praça central, ou ali perto da praça do pontilhão na Rua Júlio Prestes, perto de onde hoje em dia tem lanchonetes (Entrevista realizada em Outubro de 2017, na cidade de Oriente – Cristiane<sup>5</sup>, 32 anos – Moradora de Oriente).

---

<sup>5</sup> Cristiane: 32 anos, moradora de Oriente; Bairro: Novo Oriente, possui Ensino Médio Completo; Estado Civil: Casada, possui renda mensal de um salário mínimo. Entrevista ocorreu na residência da entrevistada no dia 05 de Outubro de 2017.

Sem a existência de um cinema, durante a década de 90, a juventude se concentrava na praça nos momentos de lazer, principalmente aos fins de semana. No cotidiano semanal, quando não estavam na escola, estavam no campo de futebol da Fazenda Paredão, ou em outros espaços próprios para práticas desportivas ou mesmo na rua das próprias casas, conversando com amigos sentados embaixo de uma sombra.

Já nos dias atuais, ainda existe a presença de grupos juvenis na praça, porém em menores proporções, através dos trabalhos de campo e da observação participante foi possível perceber que a praça compõe o escopo da memória dos sujeitos, sendo um espaço que é pertinente ao assunto, quando se trata de práticas juvenis. Segundo Bachelard (1988), a memória opera também de forma reticular, em um saltar constante entre núcleos de sentido tecidos ao redor de acontecimentos significativos, que se armam e desarmam sem parar no contexto da narrativa. A memória também é construída a partir das interações que ocorrem entre os sujeitos. Assim, o procedimento de entrevistas nos levou a questionar por que a praça perdeu movimento e também perguntamos aos jovens quando saem pra se divertir hoje em dia, onde costumam ir e o que costumam fazer.

O movimento na praça diminuiu, porque os jovens mudaram de interesses. Acho que os jovens de hoje ficam juntos em casa de algum amigo, em grupos, ou ficam mais na internet, mas não aparecem pela praça da área central da cidade, somente em poucos momentos após a missa de sábado à noite é que frequentam, e em menor número quando comparamos observando essa frequência de jovens por lá hoje em dia, com o passado daqui da cidade. Quando eu saio com amigos, vamos em Marília, geralmente, ficamos dando role em grupo de amigos, em diversos bares. Aqui em Oriente geralmente só saímos pra ir na lanchonete e voltamos, ou pra tomar um sorvete também em dias muito calorosos. Às vezes sentamos para conversar na praça ou no campo da fazenda, e ainda hoje em dia eu jogo um futebol para passar o tempo. Cara, de forma geral no rolê, ou vamos de carro pra Marília, e por lá ficamos indo nos bares, bebendo e conversando, ou vamos no ônibus das 22 horas e voltamos no outro ônibus que sai de lá 5 horas da manhã (Entrevista realizada em Outubro de 2018, na cidade de Oriente – Felipe<sup>6</sup>, 26 anos – Morador de Oriente).

Assim, as entrevistas revelam a relevância da praça central em meio a cidade pequena. Contudo, existe na atualidade diminuição de frequência baseada no aumento do movimento pendular de alguns grupos juvenis, no trajeto de Oriente à Marília, onde passaram a frequentar de modo mais constante a cidade média das proximidades, pois a cidade média oferece maior número de bares onde a oferta de bebidas etílicas é maior, envolvendo a oferta privada de consumo e lazer, com bandas e músicas ao vivo, concentram-se nesses espaços os jovens que já atingiram a maioridade, enquanto na praça da pequena cidade, que é um espaço público, um

---

<sup>6</sup> Felipe: 26 anos, morador de Oriente, do Bairro Jd. Lucimar, possui Ensino Superior Completo; Estado Civil: Solteiro, possui renda familiar de um salário mínimo. Entrevista ocorreu na residência do entrevistado no dia 09 de Outubro de 2018.

ambiente mais democrático, e que proporciona sociabilidade ampla entre os diferentes grupos de jovens, a frequência maior é de adolescentes. Assim revela-se uma segmentação de frequência por faixa etária, que também tem relação com a renda familiar dos jovens e com o poder de consumo, pois jovens maiores de 18 anos, tem já certa renda, que os adolescentes nem sempre têm.

Através dos trabalhos de campo, foi possível encontrar a presença de grupos juvenis na praça em momentos esporádicos durante os dias atuais, onde os grupos de jovens se encontram e sentam nos assentos públicos, para beber tereré<sup>7</sup> e ouvir músicas através de aparelhos celulares ou em caixas de som portátil com bluetooth. A prática dos jovens de ficar na praça em grupos, especialmente após as missas, é algo tradicional na história da cidade e ainda ocorre na atualidade, onde os jovens costumam ficar batendo papo, aproveitando que já saíram de casa para ir até a missa, encontram amigos em um tradicional momento de sociabilidade.

Nota-se que os jovens das gerações atuais realizam diversificadas práticas de lazer, a fim de sair da rotina ou cotidiano. Segundo Alonso (2006), acontece durante o século XXI a ampliação das formas de consumo, modificando a intensidade e o conteúdo das práticas de lazer juvenis. De acordo com Góes (2016), após os anos 2000, amplia-se a difusão das formas de consumo entre os sujeitos nas cidades médias do interior paulista, os comércios tratam o consumidor fantasiosamente como livre para escolher num mercado com amplas possibilidades de diversificação e variedades, que parecem infinitas, produzidas com base no pensamento liberal. Contudo, ocorrem relações diretas entre consumo e alienação. Segundo Góes (2016), a cidade de Marília possui vários equipamentos voltados ao lazer e a cultura. Destaca-se as praças e o Bosque Municipal Rangel Pietraróia. A cidade possui diversificação de consumo durante a vida noturna, com amplas possibilidades de acesso as ofertas de gastronomia. Geralmente também acontecem eventos de perfil universitário no município. A cidade participa de eventos culturais estaduais como o Mapa Cultural Paulista, Virada Paulista e outras iniciativas. Na parte esportiva, possui espaços diferenciados como o Parque Aquático Municipal (PAM), academias ao ar livre, pista de aerodelismo, estádios municipais, ginásios municipais e também conta com clubes sociais e várias chácaras particulares de recreação.

Os fluxos de frequências e migrações de jovens dos pequenos municípios, para médias e grandes cidades é um fato comum no interior paulista, objetivando melhorar seu padrão de vida, diante das perspectivas de consumo e lazer. As juventudes das pequenas cidades passam a frequentar mais a cidade média, por diversas questões, como falta de equipamentos de cultura

---

<sup>7</sup> Tereré é uma bebida típica sul-americana feita com erva-mate e água fria, consumida em grande quantidade nas regiões sudeste e centro-oeste do Brasil.

e lazer, falta de diversidades nas ofertas de consumo dos pequenos municípios, entre outros fatores. Alguns jovens frequentam através do transporte coletivo a cidade de Marília, outros vão de carro ou motocicleta, em busca de ofertas de lazer e diversão, nos períodos diurnos e também durante a vida noturna.

As juventudes nas pequenas cidades vão construindo, ao longo do tempo, no imaginário, a idealização de viver novas experiências e oportunidades mais atraentes nas cidades médias. É importante considerar que os jovens experimentam as cidades pequenas, muitas vezes, como um lugar do qual é necessário sair, buscando mudar-se para cidades maiores, almejando encontrar novas experiências, oportunidades e diversidades. Desse modo, a cidade média compõe o escopo das experiências das juventudes que residem nas pequenas cidades ao entorno, sendo componente da prática que podemos denominar como “escape”, momento em os jovens fazem um esforço para escapar do tédio do cotidiano e da falta de ofertas de lazer e consumo das pequenas cidades, assim frequentando as cidades médias e grandes. É preciso destacar que a prática de sair momentaneamente da cidade, ou permanentemente, realizada pelos jovens que são naturais das cidades pequenas do interior, compõe a identidade desses sujeitos, pois a identidade também é constituída a partir das práticas e tendências que fazem parte das experiências vividas pelos indivíduos.

A compreensão da prática do “escape”, parte do entendimento das práticas espaciais que se estendem à microterritorialidades, os jovens nas pequenas cidades buscam escapar dos ritmos mais lentos do cotidiano próprio de municípios como Oriente, e assim frequentam as cidades médias, que possuem maiores fluxos de pessoas e informações, objetivando buscar novas vivências, diferentes experiências e ampliar as possibilidades de consumo. De acordo com Moreno (2020), o “escape” é realizado principalmente nos momentos de tempo livre, quando os jovens de pequenas cidades buscam encontrar nas cidades maiores das proximidades, amplas possibilidades de diversão, objetivando também conhecer novas pessoas, e vivenciar diversas experiências em um lugar onde sejam considerados anônimos ou desconhecidos, pois na cidade pequena “todo mundo conhece todo mundo”, assim escapando dos olhares conhecidos e buscando desfrutar de maior liberdade.

Assim, podemos concluir que o fluxo de informações e mercadorias existente na cidade de Marília atrai e movimenta o cotidiano dos habitantes da região, inclusive dos jovens, pois subsiste na cidade média maior intensidade de movimento nas praças e espaços públicos, a disposição de mais ampla oferta de lazer e consumo também contempla a diversidade das práticas juvenis, tornando a cidade média um centro de encontro entre diferentes grupos juvenis,

com destaque para aqueles que possuem recursos suficientes para viver sua experiência de juventude para além do que sua pequena cidade oferece como campo de possibilidades.

Dessa maneira, destacamos que os jovens como sujeitos sociais constroem formas de lazer e exercem novos usos nos espaços públicos, a partir de direitos que estão vinculados a questão da cidadania, no que se refere ao poder e grau de intervenção no usufruto dos espaços, refletindo na posição dos sujeitos em poder intervir e transformar, através da utilização democrática dos espaços públicos que oferecem momentos de lazer em relações coletivas.

Todos os elementos apresentados neste trabalho em conjunto colaboram na elaboração da identificação da juventude como categoria social, destacando que a juventude não pode ser definida a partir de contornos rígidos, visto que os jovens compõem um universo imensamente diversificado, com situações específicas, envolvendo expressões que estão articuladas à sociabilidade nos momentos de tempo livre.

## **5 Considerações Finais**

Como observamos com o início desse artigo, as práticas espaciais dos jovens das pequenas cidades, estão diretamente relacionadas a interferências que estes realizam nos espaços públicos, as práticas são também reflexos dos hábitos dos grupos juvenis, que inserem modos de uso aos espaços.

Ao analisar os jovens de diferentes gerações e demonstrarmos suas práticas na cidade pequena, consequentemente explicamos aspectos que influenciam o processo de produção do espaço urbano, através de questões sociais e culturais, demonstrando mudanças e permanências nas práticas juvenis.

Assim explicitamos questões culturais sobre os hábitos dos jovens de diferentes gerações que residem no interior paulista em cidades pequenas, destacando especificamente Oriente – SP, e também demonstramos questões sobre as dimensões dos espaços públicos na pequena cidade, revelando a centralidade da principal praça da cidade.

Ainda que existam limitações em diversidades de consumo nas pequenas cidades, e mesmo que ocorra segmentações de frequência entre os grupos juvenis, a partir de questões de faixa etária ou renda, as praças podem proporcionar a juventude, um espaço de convivência coletiva, abrindo uma porta de entrada para relações de sociabilidade importantes, contudo é necessário que surjam políticas públicas que possam estimular maiores atrativos para estes jovens, para re-pensar as formas de uso dos espaços públicos na atualidade, expandindo as funções das praças, para que haja cada vez maior participação juvenil.

Por fim, conclui-se que a problemática da falta de oferta de lazer, não é para se tratar de modo simples, é uma questão complexa que demonstra a carência dos sujeitos em pequenas cidades. Assim, ressalta-se que foram expressas as relações de sociabilidade que ocorrem durante diferentes décadas e que vão compondo, com o passar dos anos, a construção de identidades dos sujeitos em pequenas cidades, que possuem características de personalidade, com dimensões interioranas, explicitando as preferências de jovens das gerações do passado e das gerações atuais, desse modo constatando como é utilizada à praça central na cidade, através das práticas dos grupos de jovens nos momentos de tempo livre e lazer.

## Referências

- ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5 e 6, p. 25 – 36, mai/dez, 1997.
- ALONSO, L. E. **La era del consumo**. Madrid: Siglo XXI, 2006.
- BACHELARD, Gaston. **A Dialética da Duração**. São Paulo: Ática, 1988.
- BAUMAN, Z. “**Between us, the generations**”, in J. Larrosa (ed), *On generations. On coexistence between generations, Europe*, Barcelona: Fundació Viure i Conviure, pp. 365-376, Spanish, 2007.
- BONI, Valdete. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. Florianópolis, Vol. 2 nº 1 (3), janeiro, p. 68-80, 2005.
- CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Os jovens e a cidade**: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas, Rio de Janeiro: Relume Dumará/FAPERJ, 2001. p. 10-50.
- CAPEL, Horácio S. Las pequeñas ciudades en La urbanización generalizada y ante La crisis global. *Investigaciones Geográficas – Boletín del Instituto de Geografía*, n.70, 2009, p.7-32.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Jovens Escolares e a Cidade**: Concepções e práticas espaciais urbanas cotidianas. *Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente*, n.35, Volume Especial, p. 74-86, 2013.
- CÔRREA, R.L. Diferenciação sócio-espacial, escala e práticas espaciais. **Cidades**, v. 4, n.6, p. 61-72, Ano Letivo, 2007.
- CORNELLI, Vanessa M. **A praça no contexto de pequenas cidades da microrregião de Campo Mourão-PR**. 2013. 309 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Programa de Pósgraduação em Geografia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013. Disponível em: <<http://sites.uem.br/pge/documentos-para-publicacao/teses/teses-2013-pdfs/VanessaMedeirosCorneli.pdf>>. Acesso em: 02 de Maio. 2020.
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**; Belo Horizonte; UFMG, n. 24, Dezembro, 2003. P. 12-21.
- D’INCAO, Maria Ângela. Modos de ser e de viver: a sociabilidade urbana. In: **Tempo Social - Revista de Sociologia**. São Paulo: USP, v. 4, nº 1, p. 95-109; SP, 1994.

DOUTOR, Catarina. Um Olhar Sociológico Sobre os Conceitos de Juventude e de Práticas Culturais: Perspectivas e Reflexões. PP.159-174; **Última Década**. Nº45, 2016.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FEIXA, C; LECCARDI, Carmen. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. Rev. **Sociedade e Estado**. Campus Universitário Darcy Ribeiro, vol.25, n.2, pp.185-204; DF; Maio, 2010.

FERREIRA, E. **A segregação socioespacial no município de Paraguaçu Paulista – SP: da favela ao conjunto habitacional**. Monografia (Bacharelado em Geografia) – FCT/UNESP, Presidente Prudente. 2006.

FOOTE-WHYTE, W. Treinando a observação participante. In: GUIMARÃES, A. Z. (org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980. p. 77-86.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo; UNESP, 1991.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GOMES, Paulo. Espaços Públicos: um modo de ser do espaço, um modo de ser no espaço. In: CASTRO, I. E. de.; GOMES, P. C. da. C.; CÔRREA, R. L. (org.). **Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 19-37.

GÓES, Eda Maria. **Cotidiano, consumo e vida urbana em cidades médias brasileiras**. Confins, [En ligne] - DOI : 10.4000/confins.11128; Outubro, 2016.

LEITE, José Ferrari. **A Alta Sorocabana e o espaço polarizado de Presidente Prudente**. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente. São Paulo, 1972, pg. 119.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. (Edição Especial); 5 ed. São Paulo: Centauro, 2008.

LOBATO, Antonio Monteiro. **A história de Oriente**. Oriente- SP; Ed. ArquivoMunicipal, 2004.

MANHEIM, Karl. O problema da juventude na sociedade moderna. In: BRITO, S. (org.). **Sociologia da Juventude**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

MAGNANI, J. G. C. Os circuitos dos jovens urbanos. **Tempo Social** (Rev. de Sociologia da USP), São Paulo, v. 17, no. 2, p. 173 – 205, Novembro, 2005.

MOREIRA, Ruy. Campo e Cidade no Brasil Contemporâneo. In: **Simpósio – Interfaces das representações urbanas em tempo de globalização**. São Paulo; (conferência); Agosto, 2005.

NARCISO, Carla. **Espaços público: ação política e práticas de apropriação**. Lisboa, Portugal; 2009.

MORENO, Karin G. S. S. **Jovens de Cidades Pequenas no interior paulista: práticas espaciais e tempo livre**. 275 fl. Dissertação de Mestrado - (Programa de Pós Graduação em Geografia da FCT/UNESP); Estado de São Paulo; Presidente Prudente, 2020.

OLIVEIRA, Sidnei. **Geração Y: era das conexões: tempo dos relacionamentos**. Clube de Autores, São Paulo; 2009.

PAIS, José Machado. As correntes teóricas da sociologia da juventude. In: **Culturas Juvenis**. Casa da Moeda, Lisboa: Imprensa Nacional, 1996.

RAMOS, Rodrigo. Sobre espaço público e heterotopia. **Geosul**, Florianópolis, v. 24, n. 48, p 7-26, jul./dez; 2009.

- RUA, João. Urbanidades e novas ruralidades no Estado do Rio de Janeiro: algumas considerações teóricas. In: MARAFON, Gláucio José; RIBEIRO, Marta Foeppe (org.). **Estudos de Geografia Fluminense**. Rio de Janeiro: Infobook, 2002.
- SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: HUCITEC, 1993.
- SILVA, Joseli Maria. Cultura e territorialidades urbanas. **Revista de História Regional**. Ponta Grossa, V. 5, n. 2, Inverno; 2000.
- SPOSITO, M. E. B. A gestão do território e as diferentes escalas da centralidade urbana. **Território**. Rio de Janeiro: ano III, nº 4, jan. - jun. 1998. P. 27 -37.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- SOARES, B. R.; MELO, N. A. de. Revisando o tema da pequena cidade: uma busca de caminhos metodológicos. In: SILVA, A. B. da; GOMES, R. de C. da C.; SILVA, V. P. da. (Org.). **Pequenas Cidades: uma abordagem geográfica**. Natal: EDUFRN, 2009. p. 13-41.
- SOARES, B. R.; MELO, N. A. de. **Cidades médias e pequenas: reflexões sobre os desafios no estudo dessas realidades socioespaciais**. In: LOPES, D. M. F.; HENRIQUE, W. (Org.). **Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso**. Salvador: SEI, 2010. p. 229-250.
- TURRA NETO, N. **Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava: territórios e redes de sociabilidade**. 533fl. Doutorado (Programa de Pós Graduação em Geografia da FCT/UNESP). Presidente Prudente, 2008.
- TURRA NETO, N. A noção de Geração no estudo das transformações do espaço urbano. In: **Geografia Urbana: ciência e ação política**. Org: Floriano José Godinho de Oliveira. Ed. Consequência. Rio de Janeiro, 400p. Brasil; 2014.
- \_\_\_\_\_. Metodologias de pesquisa para o estudo geográfico da sociabilidade juvenil. **RAEGA**, Curitiba, 23; p.340-375. 2011. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/raega/article/view/24843/16655>>. Acesso em 03 de Maio de 2020.
- WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Urbanização e ruralidade: relações entre a pequena cidade e o mundo rural: estudo preliminar sobre os pequenos municípios em Pernambuco**. Mimeo; Recife, 2001.
- WHITACKER, Arthur Magon. **Reestruturação urbana e centralidade em São Jose do Rio Preto - SP**. 237 f. (doutorado em geografia) Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2003.